

Claudio Reus Silveira Hernandez¹

Inquietude, amor, loucura, tradição e modernidade: uma visão diacrônica da representação poética da mulher.

RESUMO: Neste trabalho faz-se uma abordagem a respeito da representação da mulher, conforme as poesias “Círculo Vicioso” e “Contraposição”, de Terezy Fleuri de Godoi. Face a essas manifestações poéticas realiza-se uma análise diacrônica da identidade feminina apresentada nas poesias de Fleuri e, após uma rápida retomada dos fatores que levaram a configuração social em que vivemos hoje, procura-se realizar uma reflexão que possibilite a compreensão da dinâmica dos relacionamentos entre os gêneros humanos.

Palavras-chave: amor, feminismo, ideologia, monogamia, Renascimento.

Unrest, Love, madness tradition and modernity: a diachronic vision of women's poetical representation

Abstract:

In this work I study the women's representation, based on the poems “Circulo Vicioso” and “Composição” by Terezy Fleury de Godoi. Considering the poetical manifestations I analyze diachronically the female identity visible in the poems by Fleuri. We argue that the poems suggests a reflection on the factors related to the relationships among human genders.

Keywords: Love, feminism ideology – monogamy – Enlightenment

1. INTRODUÇÃO

Como qualquer pessoa reconhece – se alguém reconhecesse, o papel de esposa é uma missão demorada, desgastante e com um alto custo emocional. Voltado principalmente para o cuidado e a manutenção do corpo, da mente e do ego dos homens, o papel de esposa é uma tarefa que viola todos os princípios da ocupação de oportunidades iguais – geralmente, friamente, em nome do “amor”.

Claudio Reus Silveira Hernandez, aluno do Curso de Literatura (Strictu Senso), nível mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PosLIT) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; e-mail: claudiodebage@gmail.com; e

Aline Jesuina do Carmo Barbosa, professora de Língua Portuguesa, graduada em letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; email: alinejcb@gmail.com.

Neste trabalho, no decorrer de uma análise dos poemas: *Círculo Vicioso* e *Contraposição*, da poetisa goiana radicada em Brasília desde 1963, Terezy Fleuri de Godoi, procuraremos realizar uma abordagem que não só vislumbre a situação de angústia e desânimo em que se encontra a alteridade, identificada na representação da mulher idealizada por Fleuri; mas, também faremos uma reminiscência da representação do gênero feminino através da história e, com isso, tentaremos elucidar as razões que fazem com que, ainda nos dias atuais, sejam identificados esses sentimentos de decepção, sofrimento e tormento para com a vida que levam e em relação ao sonho romântico chamado de “amor”.

Essa inquietude da mulher baseia-se na idealização de um relacionamento que, por fatores históricos e sociais ligados à formação da nossa sociedade, não se concretiza. Isso porque vivemos em um mundo ainda baseado no sistema patriarcal - que não considerava a mulher como parte integrante nas decisões da sociedade em que subsistia e a mantinha em um plano inferior, sem voz, sem poder manifestar-se e relegada a um papel sem qualquer importância política, histórica, social e, principalmente, econômica.

Pretendemos, com esse trabalho, possibilitar a realização de uma reflexão a respeito do papel que o gênero feminino ocupou no passado em função do que lhe cabe hoje, em uma sociedade dita moderna, mas que ainda carrega muito da ideologia de uma cultura voltada a satisfazer as necessidades e aspirações do homem.

A mulher permaneceu por séculos em uma situação de subordinação, até adquirir a consciência da sua grande importância como ser humano e a lutar pela conquista de seus direitos legais. Isso somente pode verificar-se a partir dos anos 60, com o surgimento do movimento denominado “feminismo”, que faz parte do grupo de novos movimentos sociais. Na época de maior engajamento do movimento em prol do reconhecimento da igualdade entre os gêneros, uma das questões levantadas pelas feministas foi, segundo Stuart Hall (2006, p. 46), a de que: "O feminismo questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a 'Humanidade'. Substituindo-a pela questão da diferença sexual".

Atualmente, a mulher vive um dilema que envolve a cultura tradicional em oposição a modernidade. A essa contradição somam-se as diversas manifestações culturais identificadas em um relacionamento monogâmico, em que pode-se perceber o envolvimento de três identidades. A Dela, a Dele e a dos filhos. Consideremos que como fator complicador dessa problemática, a identidade feminina contemporânea não é uma questão já resolvida. Adiciona-se a essa situação conflituosa a particularidade de que: a identidade da mulher divide-se pelo menos em duas, pois a consciência Dela transita entre o que foi

Claudio Reus Silveira Hernandez, aluno do Curso de Literatura (Strictu Sensu), nível mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PosLIT) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; e-mail: claudiodebage@gmail.com; e

Aline Jesuína do Carmo Barbosa, professora de Língua Portuguesa, graduada em letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; email: alinejcb@gmail.com.

e o que ainda será. A representação feminina reflete esse conflito peculiar caracterizado pela busca de uma suposta perfeição, imaginada ou inventada, dos relacionamentos no passado, com a busca da conscientização social de uma almejada igualdade de direitos e, portanto, marcada pela necessidade de sair desse sistema patriarcal e passar a colaborar em todos os aspectos, inclusive financeiramente, no intuito de adquirir uma melhor qualidade de vida para a família como um todo.

A mulher moderna não quer mais ser apenas aquela que espera a chegada do marido em casa após um extenuante dia de trabalho, a que serve de suporte nos momentos de crise, a que acaba sendo a única responsável pela boa ou má educação dos filhos e pela administração do lar. Ela quer mais, muito mais. Quer ser tratada como uma igual, mas ao mesmo tempo passa pelo saudosismo “daqueles bons tempos”, descritos pelas mães ou pelas avós. Tempo em que os homens eram mais maduros e garantiam a proteção e a segurança nos momentos de crise. A angústia vivida pelas mulheres é fator inevitável em um momento de transição entre o antigo; período em que, há pouco mais de 40 anos, estávamos ainda sob o domínio de um sistema patriarcal – em que a figura feminina era subordinada a masculina; e a atualidade - em que o movimento feminista foi alavancado e a mulher busca e adquire o seu espaço político, econômico e social.

Essa deriva pode ser percebida na manifestação da representação literária feminina, em que a mesma angústia demonstrada por mulheres como Louise Labé e Florbela Espanca, ainda pode ser identificada sendo explorada em textos poéticos da atualidade.

A representação da mulher, desde o início dos tempos, foi feita de forma bastante preconceituosa e dicotômica, algumas vezes aparecendo como um ser libidinoso, cheio de maledicência e culpado por todas as calamidades que causaram transtornos para o “Homem”. Noutras, aparece cheia de virtudes, como se fosse uma santa. Exemplos da visão negativa podem ser extraídos dos modelos tanto bíblicos quanto mitológicos. Os textos católicos e pagãos mais conhecidos representam a mulher com praticamente as mesmas características.

Na Bíblia, por exemplo, vemos a figura de Eva que, ao procurar o conhecimento sobre o bem e o mal, acaba provocando a expulsão dela e do companheiro do Paraíso; conforme podemos perceber no seguinte trecho: “Eu multiplicarei os teus trabalhos, e os teus partos. Tu em dor parirás teus filhos, e estarás sob o poder de teu marido, e ele te dominará” (Gên., C3, V16). No Livro Sagrado, também podemos perceber a representação preconceituosa da mulher nas figuras de Maria Madalena que, ao ousar caminhar lado a lado com os homens, é discriminada e tachada de cortesã; e de Dalila, mulher traíçoeira e encantadora que causa a queda do herói Sansão. Na mitologia,

Claudio Reus Silveira Hernandez, aluno do Curso de Literatura (Strictu Sensu), nível mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PosLIT) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; e-mail: claudiodebage@gmail.com; e

Aline Jesuína do Carmo Barbosa, professora de Língua Portuguesa, graduada em letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; email: alinejcb@gmail.com.

nesses mesmos moldes, vemos Pandora, que carrega todos os maus sentimentos consigo e depois os deixa derramarem-se sobre a humanidade. Além dela, temos Helena de Troia, sendo retratada em *Iliada* como uma mulher inconsequente, que apaixona-se perdidamente por um jovem e belo mancebo e, com sua inconstância, provoca uma guerra de dez anos.

Esse conflito, justificado pelo suposto direito de posse de um homem sobre uma mulher, na forma como é narrado por Homero, adquire enorme repercussão na Antiguidade, culminando, por culpa da mulher, com a destruição de uma cidade considerada invencível e dizimando a vida de numerosos heróis, entre eles a do próprio Aquiles.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Revisão das ideologias tradicionais

As diversas representações das mulheres, feitas por Homero e pelos textos Bíblicos, carregam mensagens de fundo moral, em que são feitas alusões claras a hipótese de que somente as meninas bem comportadas, que obedecem aos maridos e aos desígnios de Deus (ou dos deuses) não serão castigadas e conquistarão o direito a uma existência feliz, livres de culpas e de todo e qualquer ressentimento. Essas lições vão ainda mais além, na história da virgem Maria, por exemplo, a castidade é um artigo de suma importância. No entanto, é possível, mesmo para uma jovem que esteja prestes a dar a luz, caso sejam cumpridos os desígnios de Deus, permanecer pura e casta para sempre.

Da mesma forma, na história de Joana D'Arc, uma menina pura e ingênua pode ser considerada quase como uma santa, mas isso somente até o momento em que serve aos propósitos dos homens poderosos da época. Quando passa a ser considerada perigosa para a configuração política e social de seu tempo, ela simplesmente, a exemplo do que aconteceu com incontáveis mulheres ao longo da história - principalmente durante a inquisição e a Contrarreforma, é taxada de bruxa, julgada e queimada em praça pública. Esses são os germens do sistema patriarcal que dominou a sociedade europeia por milênios e que foi transmitida e ainda sobrevive sob vários aspectos em nossa cultura.

Hoje, ainda vivemos sob uma cultura com fortes traços desse sistema e, para um homem, tentar penetrar no universo feminino significa a realização de uma viagem insólita. Acima de tudo, é adentrar em um mundo cheio de nuances, povoado por criaturas maravilhosas – chamadas simplesmente de mulheres, que se distinguem por suas características extremamente contraditórias e por possuírem o dom da inconstância. Pois, ao mesmo tempo em que se dizem apaixonadas e almejam encontrar um companheiro com o

Claudio Reus Silveira Hernandez, aluno do Curso de Literatura (Strictu Senso), nível mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PosLIT) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; e-mail: claudiodebage@gmail.com; e

Aline Jesuína do Carmo Barbosa, professora de Língua Portuguesa, graduada em letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; email: alinejcb@gmail.com.

qual possam (a)casar-se, também chegam a condenar, mesmo inconscientemente, o “papel de esposa” - resultante dessa relação monogâmica, que hoje a maioria delas considera como degradante, mas que com a celebração do contrato social do casamento ainda lhes é imposta.

Nesse contexto, faremos uma abordagem da representação feminina com base na historicidade do relacionamento entre homem e mulher, celebrado desde os primórdios de nossa evolução, e na representação dos anseios e da contradição entre o sentimento de amor, face a razão, e da desilusão das mulheres que se percebem desempenhando o tradicional “papel de esposa”, em uma época em que se acredita que esse papel já estava ultrapassado, pois somente caberia as nossas mães e avós. Haja vista que, desde o advento dos anticoncepcionais e do baby boom, faz-se necessário que se dispense um tratamento igualitário na relação entre homem e mulher.

Esse anseio da mulher por um tratamento de igualdade na relação entre casais não acontece, pois, segundo Susan Maushart (2007, p. 24), ainda existem três casamentos, o Dele, o Dela e o dos filhos, e nem mesmo as feministas conseguem desvencilhar-se de uma cultura baseada no sistema patriarcal. Dessa forma, na sociedade moderna, a mulher se vê assoberbada por mais trabalho não remunerado.

Percebe-se que com o casamento desencadeia-se, na vida de uma mulher, uma série de fatores, desagradáveis e/ou agradáveis, principalmente porque devemos considerar a assertiva de que no papel de esposa (ou não) ela poderá vir a ser mãe. Assim, mesmo em um mundo modernizado pelas constantes evoluções tecnológicas, pode-se afirmar que para alcançar os objetivos de casar e ser mãe, as mulheres ainda dependem da participação do homem. O que sempre as conduzirá a terem que fazer uma série de concessões, levando-as, fatalmente, a sofrerem várias decepções e desilusões que, segundo Susan Maushart, é um dos fatores que mais as deprime, angustia, e gera o desânimo, que refletido constantemente do meio social é revelado em textos como o soneto *Círculo Vicioso*, de Terezy Fleuri de Godoi (MOUSINHO, 2007, p. 180):

Mais uma vez, o coração partido,
procuro, em vão, desvencilhar-me. Qual!
É este amor que foi, e que tem sido,
meu bem eterno e meu eterno mal.

Dói-me a cabeça a procurar saída
para a tristeza que corrói minh' alma,
mas nada vejo, só a eterna lida,
a eterna busca de consolo e calma.

Claudio Reus Silveira Hernandez, aluno do Curso de Literatura (Strictu Senso), nível mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PosLIT) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; e-mail: claudiodebage@gmail.com; e

Aline Jesuína do Carmo Barbosa, professora de Língua Portuguesa, graduada em letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; email: alinejcb@gmail.com.

Entre o juízo e o desvario vivo,
minha fraqueza a toda hora testo,
mas nada livra o coração cativo

desta luta insana que jamais cessa,
pois a uma só palavra, a um só gesto,
caio em seus braços. Tudo recomeça...

A primeira estrofe já traz o desencantamento de um “Eu Lírico” que nos remete a um sentimento íntimo, a subjetividade de um amor pleno de sofrimento, a um relacionamento que vemos ser mais uma vez desfeito, ou mesmo, possivelmente, a revelação do mundo interior da própria poetisa, que demonstra, verso a verso, toda a melancolia e a dor que o poema procura e consegue transmitir aos leitores. Poesia essa que explora todo o romantismo idealizado na união entre o homem e a mulher, contido na intimidade do “Eu Lírico” e que, ao mesmo tempo em que é resgatado do particular, identifica-se também, plenamente, com a universalidade dos relacionamentos vivenciados pelas mulheres hoje, assim como também o foi no passado.

Vivência essa absorvida da função social da mulher, que se afirma a partir de um contrato de reciprocidade e de troca de favores, celebrado já nos primórdios dos relacionamentos sociais entre os humanos e que deu origem ao “papel de esposa”, que segundo Susan (2007, p.51):

“(…) é um artefato da cultura - adaptação comportamental que apareceu, assim como todas as adaptações, como uma maneira de melhorar a sobrevivência. Nesse caso, a sobrevivência das mulheres e de seus filhos. (...) A oferta de diversos serviços de cuidados foi o modo que as fêmeas encontraram de persuadir os machos a ficar por perto, dividindo recursos e oferecendo proteção às crias – em geral, do ataque de outros machos”.

Naturalmente, como a autora de *Profissão: esposa* pôde constatar da análise de pesquisas antropológicas sobre as funções exercidas pelo homem e pela mulher no relacionamento entre os casais tradicionais, as fêmeas e os machos humanos não decidiram unirem-se por pura bondade ou sentimentalismo, mas, sim, por interesse face a necessidade biológica de preservação da espécie.

À mulher, por ser a responsável pelo trabalho mais difícil do ato de procriação, acabava ficando debilitada após partear a sua prole – haja vista as características dos bebês humanos de dependência da mãe e da necessidade de amamentação prolongada, antes de conseguirem sobreviver por si próprios – e via-se incapacitada de sair do abrigo e coletar ou caçar o alimento para si e para o seu rebento. Com isso, para que a raça humana sobrevivesse, foi necessário contar com a colaboração do macho que, além de fecundar a fêmea,

Claudio Reus Silveira Hernandez, aluno do Curso de Literatura (Strictu Senso), nível mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PosLIT) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; e-mail: claudiodebage@gmail.com; e

Aline Jesuína do Carmo Barbosa, professora de Língua Portuguesa, graduada em letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; email: alinejcb@gmail.com.

deveria proteger o filho e a mulher e providenciar o alimento para ambos. No entanto, para manter o macho próximo e não ser abandonada ou trocada por outras fêmeas da tribo - com o filho nos braços e sem condições de sobreviver, a fêmea deveria, provavelmente, oferecer vantagens ao macho que despertassem o interesse desse em ficar junto a ela e ao filho.

Um dos fatores que contribuiu para que o macho concordasse com esse tipo de associação, conhecido como “monogamia”, acredita-se que tenha sido o instinto de preservação de seus genes, pois, em um relacionamento desses, o homem adquiria a certeza, quase absoluta, de que os filhos gerados pelo casal seriam dele. Essa associação ganhava sentido para o macho também pelo fato de que se não fosse celebrado um relacionamento desse tipo, e ele tivesse que disputar com outros o direito de fecundar as fêmeas, participando de um embate em que decidir-se-ia qual era o mais forte e somente o que sobrepujasse aos outros conquistaria o direito de fecundar todas as fêmeas da tribo – o que acontece com outras espécies de mamíferos, certamente a grande maioria dos machos, considerados como mais fracos, ficariam sem condições de procriar e de dar prosseguimento aos seus genes.

Com base nessa relação de troca de interesses surgiu a monogamia, forma de relacionamento que deu origem ao patriarcalismo, e que ainda domina o ideário da maioria dos seres humanos - mesmo com toda a evolução sofrida com a industrialização. A monogamia ainda é celebrada no contrato modernamente designado de “casamento”, ou relacionamento a dois – quando um macho e uma fêmea passam a residir em um mesmo abrigo, ou no que atualmente chamamos de casa. Susan (2007, p. 80) afirma que ainda nos dias atuais, ser casada é uma situação que é perseguida pela grande maioria das mulheres em nossa sociedade dita moderna. Diz ainda que a depressão nas mulheres é causada pela percepção de que a união, inspirada por suas mães e avós e por muito tempo idealizada e até mesmo sonhada, não chega a ser assim tão boa para elas, ou melhor, segundo Maushart (2007, p. 235), atualmente oferece mais vantagens para os maridos.

Na segunda estrofe da poesia, em que a autora fala sobre a dor que sente: “Dói-me a cabeça a procurar saída / para a tristeza que corrói minh' alma, / mas nada vejo, só a eterna lida, / a eterna busca de consolo e calma”, essa não pode ser encarada como uma dor física da mulher. A poetisa parece retratar uma alma que sofre, assim como sofre a de toda universalidade feminina, pois ressentem-se de um relacionamento em que somente a elas cabe doarem-se, dedicarem-se e, baseadas na crença incutida por uma tradição social que cria a imagem de que faz parte do chamado “instinto materno” suportar a todos os males que lhes são impostos.

No passado as mulheres aturavam esse tipo de vida, pois acreditavam que fazia parte de sua sina e, segundo Maushart (2007, p. 82), elas ainda

Claudio Reus Silveira Hernandez, aluno do Curso de Literatura (Strictu Senso), nível mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PosLIT) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; e-mail: claudiodebage@gmail.com; e

Aline Jesuína do Carmo Barbosa, professora de Língua Portuguesa, graduada em letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; email: alinejcb@gmail.com.

mantém essa crença baseadas na seguinte afirmação:

“As mulheres procuram o casamento hoje em dia pelos muitos motivos de sempre: o desejo de ter e criar os filhos; a segurança econômica; o estabelecimento da identidade adulta na comunidade; e para ter amor e companheirismo. Essas quatro necessidades – reprodutivas, econômicas, sociais e psicosssexual – podem ser vistas como os pilares sobre os quais a instituição do casamento se apoia.

A situação de dependência da mulher em função do homem foi mudando ao longo do tempo para, finalmente, chegar na concepção que adquiriu atualmente. Graças a histórica luta pela emancipação da mulher, que vem desde as manifestações feministas identificadas em obras como “Lefort inexpugnable de l'honneur du sexe féminin” (1555), em que François de Billon prega a igualdade dos sexos e ataca a posição antifeminista de Rabelais – que considerava a condição da mulher como estando relacionada à fragilidade, à mutabilidade, à imperfeição e ao mistério, criando um imaginário mais do que feminista, pantagruelista. Billon, a exemplo de Guillaume Postel, autor de “Les très merueilleuses victoires des femmes de noureal monde” (1553), registra os nomes de mulheres que dedicaram-se às coisas do espírito, como Pernet de Guillet, Louise Labé, Marquerite de Navarre, Jeanne d'Aragon, Vittoria Colonna e Olympia Morata, todas herdeiras da presença medieval de Christine de Pisan, escritora de “La Cité des dames”, alegoria a cerca da igualdade sexual (FORTUNA, 1995, p. 22).

2.2 Manifestações feministas no Renascimento

Graças ao esforço e a luta de mulheres feministas e de homens simpatizantes das ideias de igualdade entre os gêneros, que, ainda na Idade Média, levantaram-se contra as ideias antifeministas, tais como as discutidas nas “Querelles” - debates realizados pelos humanistas sobre as condições da mulher, em que procurava-se traçar o perfil da mulher ideal. Ideologias essas defendidas por Antoine Heróët, que em “La parfait amye”, consegue traçar um modelo intermediário da representação da figura feminina. Heróët vê as questões conjugais como as mais preocupantes. Em sua visão a mulher: “vive conforme os desejos do marido e procura um ponto médio e natural para conformar as suas qualidades”.

Michel Montaigne, humanista equilibrado e contemplador, mas que também foi defensor de ideais antifeministas, pois além de não recomendar a educação às mulheres, ele também ironizava aquelas que eram sábias e ainda as que, não tendo conhecimento na alma, o tinham na língua; também fazia elogios às mulheres que se matavam ao verem os maridos mortos e afirmava que à esposa era reservada uma função essencialmente doméstica. Montaigne

Claudio Reus Silveira Hernandez, aluno do Curso de Literatura (Strictu Sensu), nível mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PosLIT) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; e-mail: claudiodebage@gmail.com; e

Aline Jesuína do Carmo Barbosa, professora de Língua Portuguesa, graduada em letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; email: alinejcb@gmail.com.

somente rendeu-se à mulher no final da vida, devido a sua admiração por Marie de Gournay le Jars, que o defendeu com veemência dos ataques de alguns críticos. “O maior escritor da Renascença rendera-se à maior feminista do século seguinte, num desfecho irônico que a sua serenidade jamais previu” (FORTUNA, 1995, p. 28).

Com a luta das feministas, iniciada no Século XVI, em prol do reconhecimento de seus direitos como iguais, as mulheres têm procurado sair da situação descrita no seguinte texto de Susan Maushart (2007, p. 83):

“Desde as sociedades de caçadores e coletores, nas quais a cultura humana começou a se desenvolver, à civilização agrária que as sucedeu, até a moderna, industrialização a partir da metade do século XX, o casamento não era apenas uma maneira de uma mulher satisfazer suas necessidades básicas. Era a única maneira”.

Não é a toa que ainda em nossos dias percebamos mulheres declamando as suas dores e sua melancolia em forma de poesias, tais como a de Terezy Fleuri. Essa concepção poética podia ser apreciada já no Renascimento, em obras como *Amor e loucura*, de Louise Labé, poetisa que defendeu as ideias feministas em seu tempo, esse grito melancólico de libertação do jugo masculino a que as mulheres estavam expostas. Nessa poesia, Louise traça um paralelismo entre o sentimento amoroso e a loucura que devia provir dele, para fazer com que as mulheres se entregassem, conscientemente, de forma avassaladora a relacionamentos que só lhes traria dor e desgosto.

Na França de Labé, os humanistas já preocupavam-se em discutir o posicionamento que deveria ser adotado em relação às conquistas que as mulheres tanto almejavam e que deixavam evidentes em obras artísticas e literárias, em que manifestavam toda a sua sensibilidade. Felipe Fortuna (1995, p. 19) discute a visão da mulher, manifestada pelos cientistas do Humanismo, ao afirmar o seguinte:

“Quase toda a literatura platônica – em especial, a *Délie* (1544) de Maurice Scève e os sonetos de Joachim du Bellay – idealizava a mulher como um ‘objeto da mais alta virtude’, a perfeição em seu estado mais apurado. Proclamavam-se os ‘dons naturais da mulher’, que a impediam de ser outra coisa senão isso: uma beleza divina a ser adorada”.

Na época de Labé, que por suas ideias e pela liberdade com que agia também era chamada de *plebeia meretriz*, por Calvino; de cortesã, conforme textos divulgados tanto à sua época quanto séculos depois; ou pela alcunha de “Safo do século XVI”, conforme refere-se a ela Sainte-Beuve no livro que ele dedicou à poesia do século XVI. De acordo com Fortuna (1995, p. 21), as atividades femininas eram reduzidas e de pouca importância, isso antes Claudio Reus Silveira Hernandez, aluno do Curso de Literatura (Strictu Sensu), nível mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PosLIT) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; e-mail: claudiodebage@gmail.com; e Aline Jesuína do Carmo Barbosa, professora de Língua Portuguesa, graduada em letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; email: alinejcb@gmail.com.

mesmo do casamento. Educadores como Vegio aconselhavam poucas “tensões de espírito”, a simplicidade absoluta e a vida isolada, bem como a ausência de exercícios físicos.

Quanto a educação da mulher, deveria ser a mais sumária possível e voltada as noções de religiosidade. Se tivesse saúde nada mais interessava. Também, de acordo com as concepções platônicas: “era necessário que a mulher tivesse elevação espiritual e estar acima da matéria; as amenidades naturais e a contemplação da natureza apenas demarcavam mais um espaço às mulheres: a castidade”. Fortuna ainda nos diz que Maulde La Clavière, estudioso da condição da mulher no Renascimento, é sucinto quanto ao papel da mulher ao dizer que: “Le mari fera le rest” – “O marido vai fazer o resto”.

Face a assertiva de que a mulher na sociedade moderna ainda é vista, mesmo que inconscientemente, nos mesmos moldes em que era representada no Renascimento, conforme o que nos diz Susan (2007, p. 74):

“O casamento pede que as mulheres passem o resto da vida pagando uma ‘dívida’ que – graças a contracepção, amamentação, cuidados com os filhos e às mudanças no ambiente – não mais existe, ou existe até certo ponto. Por um lado, as mulheres ainda se comportam como se tivessem algo pelo qual agradecer. Por outro, elas sabem muito bem que estão ganhando menos com esse acordo chamado casamento do que investem, e se ressentem desse fato. Uma boa minoria de mulheres se ressentem o bastante para pôr fim à situação e pedir divórcio”.

Com a apreciação da última estrofe da poesia: “desta luta insana que jamais cessa, / pois a uma só palavra, a um só gesto, / caio em seus braços. Tudo recomeça...”; fecha-se o cerco contra a mulher, pois o inimigo, como Susan identifica o homem, acaba por convencer a mulher de que a errada e a egoísta é sempre ela e de que para poder viver plenamente o sentimento romântico da paixão, noção em que a cultura ocidental e o imaginário popular baseou-se para criar a idealização que conhecemos por “amor”, vale a pena aturar tudo, até mesmo um adulto com comportamento infantil que divide com ela um espaço, chamado de lar, e principalmente, exige tanto cuidado e atenção quanto os filhos do casal. Pois o homem, mesmo ocupando o mesmo ambiente, não é capaz de colaborar de forma efetiva e igualitária na divisão do trabalho, que acaba sendo executado pela mulher que, de acordo com Susan (2007, p. 14), com o casamento “triplicará o trabalho doméstico não-remunerado e aumentará seus riscos de ser agredida fisicamente ou morta”.

Como foi possível perceber, da análise da poesia *Circulo Vicioso*, de Fleuri, plana sobre a cultura baseada no sistema patriarcal, em que vivemos por milênios e ainda influencia fortemente na formação da identidade feminina na sociedade moderna, um sentimento de inquietação, manifestadamente contrário a tradição milenar de imposição da heterogeneidade e não

Claudio Reus Silveira Hernandez, aluno do Curso de Literatura (Strictu Sensu), nível mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PosLIT) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; e-mail: claudiodebage@gmail.com; e

Aline Jesuína do Carmo Barbosa, professora de Língua Portuguesa, graduada em letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; email: alinejcb@gmail.com.

reconhecimento da hegemonia entre os gêneros, o que provoca um tratamento diferenciado entre o homem e a mulher, até mesmo nos relacionamentos afetivos em que o “macho” sente-se no direito de ainda considerar a mulher como um elemento subalterno, ou que lhe é subordinado, baseando-se em uma suposta supremacia devido a suas características genéticas.

2.3 Rompendo as correntes

A pretensa supremacia do macho sobre a fêmea, que sabidamente não condiz com a realidade, faz com que até mesmo nos relacionamentos de cunho amoroso o homem, ainda nos dias atuais, considere-se, mesmo que inconscientemente, com mais direitos do que a mulher.

Essas são algumas das causas que na sociedade moderna tem provocado processos de depressão e quadros de doenças cardíacas nas mulheres e que possibilitam a representação de uma personagem feminina, captada pela sensibilidade da poetisa Fleuri, em que sobressai a dinâmica da sociedade atual com os anseios, as angústias e a desilusão da mulher aflorando como uma vertente que busca o mar, sem no entanto nunca o encontrar, haja vista as barreiras titânicas que lhe são impostas pelos que deveriam facilitar-lhe a jornada. É esse sentimento que podemos perceber claramente também na poesia *Contraposição*, de Fleuri (MOUSINHO, 2007, p. 180):

Perguntaste, de repente,
o que foi a minha vida,
e respondi, tão somente,
numa ironia contida:
Queres saber, realmente,
o que foi a minha vida?
Minha vida foi corrente
despedaçada, partida...
Foi plantação florescente
por vendaval destruída...
Foi caudalosa torrente
em seu curso interrompida...
Foi andorinha ao poente
por caçador atingida...
Foi pranto de adolescente
em adeus de despedida...
Uma devotada crente
em sua crença ferida
mas, lutadora valente,
recomeça a sua lida
a cada dia nascente
com a cabeça erguida,
confiando no presente

Claudio Reus Silveira Hernandez, aluno do Curso de Literatura (Strictu Senso), nível mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PosLIT) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; e-mail: claudiodebage@gmail.com; e

Aline Jesuína do Carmo Barbosa, professora de Língua Portuguesa, graduada em letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; email: alinejcb@gmail.com.

e do passado esquecida...
Entendeste, finalmente,
o que foi a minha vida?
Uma história diferente
da que me foi prometida...

Não é sem razão o desânimo captado do clamor popular e que podemos ver reverberando em poesias concebidas por almas sensíveis como a da poetisa que compôs essa obra, em que praticamente sintetiza a encarniçada luta da mulher ao longo do tempo pelo reconhecimento dos seus direitos como ser humano que é e pelo desejo, que emana de seu íntimo, em ver seus anseios satisfeitos. O sentimento de desilusão, assim como subsiste na individualidade feminina, também passa a manifestar-se, universalmente, na mentalidade das mulheres que clamam angustiadas fazendo coro a voz da poetisa Fleuri. Isso ao perceberem que as expectativas que construíram em torno de um relacionamento que, baseado no sentimento de amor entre os cônjuges, culminaria na celebração de um casamento, ou de uma união homogênea entre os dois gêneros, que somente lhes traria realização.

Para a mulher é traumática a percepção de que esse mundo romântico e idealizado não é o que normalmente concretiza-se na realidade do contrato matrimonial. Pode-se identificar a problemática da transição em que a mulher atual encontra-se, da análise nos seguintes versos de Fleuri: “confiando no presente / e do passado esquecida... / Entendeste, finalmente, / o que foi a minha vida? / Uma história diferente / da que me foi prometida...”. A relação simbiótica experimentada pela mentalidade feminina, em que ela transita entre o passado que deseja esquecer, mas que faz parte da sua própria cultura; e o futuro promissor que procura alcançar, mas que no entanto, para manter-se ativo e latente, faz com que a reminiscência da tradição seja retomada para servir-lhe como inspiração na busca da evolução.

Essa relação é baseada na mesma sistemática de *Literatura de Dois Gumes*, de Antônio Cândido, pois enquanto é necessário esquecer o passado, essa mesma tentativa faz com que ele seja constantemente retomado e a sua lembrança justifica a necessidade de que seja esquecido. Mas, por outro lado, para procurar o crescimento um alimenta ao outro. É na representação do passado, nem sempre assim tão longínquo, da situação social a que estava exposta a mulher, que podemos encontrar as bases da sua melancolia e do conflito que a fez querer esquecer o que passou e apostar em um futuro promissor.

2.4 A dominação justificada pela teoria da criação

Claudio Reus Silveira Hernandez, aluno do Curso de Literatura (Strictu Senso), nível mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PosLIT) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; e-mail: claudiodebage@gmail.com; e

Aline Jesuína do Carmo Barbosa, professora de Língua Portuguesa, graduada em letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; email: alinejcb@gmail.com.

Na concepção bíblica, pode-se verificar que a representação da mulher já surgiu sob uma identidade profundamente marcada pela subordinação em relação ao homem. Segundo o Livro Sagrado, a mulher não foi criada mas, sim, originou-se de uma costela daquele que foi, supostamente, a primeira obra do criador: “Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: façamos-lhe um adjutório semelhante a ele (Gên, C2, V18). E da costela que tinha tirado de Adão formou o Senhor Deus a mulher, e a trouxe a Adão. Então disse Adão: Eis aqui agora o osso dos meus ossos, e a carne de minha carne. Esta se chamará Virago, porque de varão foi tomada (Gên, C2, V22,23)”. Esse dogma sempre foi considerado indiscutível, pois, de acordo com Erich Auerbach (1946, p. 11); na forma como se dá a narrativa bíblica, não há espaço para indagações e tampouco para dúvidas. Isso fica evidente na seguinte afirmação: “O mundo dos relatos das Sagradas Escrituras não se contenta com a pretensão de ser uma realidade historicamente verdadeira – pretende ser o único mundo verdadeiro, destinado ao domínio exclusivo” (AUERBACH, 1946, p. 11).

O papel representado pela mulher em nossa literatura inicial também é profundamente delimitado pelo que ela representava nos textos bíblicos. Ou seja, à mulher cabe obedecer, servir, e, esporadicamente, reproduzir. Isso era fatalmente entendido e difundido por todos aqueles que se consideravam cristãos.

É notório que todos aqueles que vivenciavam os ensinamentos da religião cristã deviam acreditar, piamente, em tudo o que encontravam escrito no seu livro maior. Sob essa ótica, considera-se que todas, assim como a primeira mulher, por dependerem da existência prévia do homem para existirem, deviam obediência irrestrita aos desígnios de Deus e de seu “esposo”, e não viveriam senão em função dessas duas entidades. Portanto, a elas não caberia tomar qualquer atitude que desagradasse a qualquer um dos dois.

A partir dessa herança identificava-se a mulher como elemento subalterno na sociedade, essa concepção negativa reflete-se na representação do personagem feminino também na produção literária e artística dos primeiros momentos da formação da nação brasileira. Nesse sentido, podemos perceber, por exemplo, que a identidade da pastora Marília, no Arcadismo, mais parece uma sombra que depende do homem para existir; a representação feminina ganha espaço na construção da mulher romântica como sendo uma figura etérea, distante, inalcançável, vista apenas como fruto ideológico produzido pela brilhante mente de artistas, tais como Álvares de Azevedo; culminando com a representação de uma mulher moderna, mais próxima da descrição de um objeto de prazer e de satisfação para o homem, do que como um ser de mesmo gênero, conforme pode-se verificar na poesia *Receita de*

Claudio Reus Silveira Hernandez, aluno do Curso de Literatura (Strictu Sensu), nível mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PosLIT) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; e-mail: claudiodebage@gmail.com; e

Aline Jesuína do Carmo Barbosa, professora de Língua Portuguesa, graduada em letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; email: alinejcb@gmail.com.

Mulher, de Vinícius de Moraes.

2.5 A representação da mulher nos primeiros momentos da literatura brasileira

A mulher árcade, representada pela pastora Marília, é uma figura apenas representativa da Estética. Ela aparece porque é necessário que exista uma pastorinha, para que, assim, sobressaia a genialidade e a subjetividade do poeta. Em lugar da figura da mulher poderia muito bem existir uma pedra, caso o autor julgasse, por bem, explorar a representação da cor local, a exemplo de Cláudio Manuel; Marília poderia também ser uma ovelhinha, uma árvore, o próprio campo, ou qualquer outro componente que fosse necessário à composição da estética árcade. A mulher aparece somente como a figura que ela também representava na sociedade da época, ou seja, um elemento que apenas serve para dar vida ao homem, para gerar e nutrir os seus varões. Afora isso, era apenas uma sombra a quem negava-se uma existência própria. Pode-se perceber claramente essa tendência da apreciação da Lira XV, da segunda parte de Marília de Dirceu (GONZAGA, 2007, p. 85), em que o poeta nos diz: “Eu, Marília, não fui nenhum Vaqueiro, / Fui honrado Pastor da tua aldeia; / Vestia finas lãs, e tinha sempre / A minha choça do preciso cheia. / Tiraram-me o casal, e o manso gado, / Nem tenho, a que me encoste, um só cajado”.

Embora o autor evoque, por diversas vezes, a presença da pastora, ainda assim ela serve apenas para apreciar a subjetividade do elemento mais importante, que na poesia é a presença do “Eu Lírico”, a representação do pastor que surge no ambiente preparado pela mulher e, a partir do surgimento do homem. Aquela passa a situação de ouvinte, de plateia, como se fosse mesmo na vida social que era conhecida naquela época, em que à mulher era reservado o papel de enfeite social, de bibelô, de alegoria do homem. Pode-se comprovar melhor esse papel da representação feminina, subjacente na poesia, ao analisarmos a ideologia do verso que nos diz: “Depois que teu afeto me segura, / Que queres do que tenho ser senhora” (GONZAGA, 2007, p. 7). Percebe-se aqui que no discurso do poeta, o mesmo percebido na sociedade da época, a realização da pastora dá-se com a conquista do homem e com a possibilidade de ser a “Senhora” (esposa) do pastor. Essa assertiva é, realmente, a fiel representação da mimesis da sociedade colonial, quando à mulher somente interessava conquistar um marido, e aquelas que demoravam a alcançar esse objetivo eram taxadas de encalhadas, solteironas, ou dizia-se que haviam ficado para tias.

A obra *Marília de Dirceu*, uma das mais importantes composições poéticas de nossa história literária e, segundo Manuel Bandeira, afora os *Lusíadas* foi a que teve o maior número de edições. Gonzaga, com versos

Claudio Reus Silveira Hernandez, aluno do Curso de Literatura (Strictu Senso), nível mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PosLIT) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; e-mail: claudiodebage@gmail.com; e

Aline Jesuína do Carmo Barbosa, professora de Língua Portuguesa, graduada em letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; email: alinejcb@gmail.com.

ternos e comoventes, prestando um preito a figura de sua amada, Maria Dorotéa Joaquina de Seixas, ao mesmo tempo em que compõe uma poesia que cumpriu os requisitos básicos da tradição Neoclássica, consegue, também, reproduzir uma personalidade difundida na mentalidade das mulheres do passado, mas que ainda pode ser identificada fluindo, mesmo inconscientemente, da mente da mulher brasileira moderna.

Se em *Marília de Dirceu*, o poeta dá conta de traçar o perfil da figura feminina, identificada na sociedade na época da publicação da obra, em torno de 1792, traçando a personalidade da pastora Marília e do pastor Dirceu; Gonzaga também põe em evidência a forma como se dava o relacionamento entre homem e mulher e, com isso, a literatura, de certa forma, dita modismos profundamente assimilados pela cultura da nação brasileira e legitima as diversas identidades que transitam em nossa sociedade ainda hoje.

3. CONCLUSÃO

Da apreciação dos poemas: *Círculo Vicioso* e *Contraposição*, de Terezy Fleuri de Godoi, procuramos fazer um apanhado histórico da situação vivida pela mulher ao longo de nossa história literária, para com isso desvendarmos o real significado da melancolia diagnosticada em uma representação romântica em que a figura feminina perpetua-se como sendo uma lutadora contumaz, face a problemática do relacionamento entre homem e mulher, em uma sociedade baseada, nitidamente, na ideia preconcebida de inferioridade do gênero feminino. Ideologia essa que se prende do papel inicial a que a mulher estava submetida em nossa sociedade, como dependente direta da vontade e dos desígnios que lhe eram impostos por Deus e pelo homem.

4. REFERÊNCIAS:

- AUERBACH, Erich. A cicatriz de Ulisses. In: *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Copyright, 1946 (p. 11).

- FIGUEIREDO, Padre Antônio Pereira de (tradutor). Bíblia Sagrada: Traduzida em Português de acordo com a vulgata latina. Novo Brasil Editora Ltda (p. 6).

Claudio Reus Silveira Hernandez, aluno do Curso de Literatura (Strictu Senso), nível mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PosLIT) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; e-mail: claudiodebage@gmail.com; e

Aline Jesuína do Carmo Barbosa, professora de Língua Portuguesa, graduada em letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; email: alinejcb@gmail.com.

- **FORTUNA**, Felipe. Louise Labé: amor e loucura. São Paulo: Siciliano, 1995 (p. 19, 21, 22 e 28).
- **HALL**, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006 (p. 46).
- **MAUSHART**, Susan. Profissão: esposa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2007 (p. 14, 24, 51, 74, 80, 82, 83, 235).
- **MOUSINHO**, Ronaldo Alves (organizador). Geografia poética do Distrito Federal. Brasília: Thesaurus, 2007 (p. 180).

Claudio Reus Silveira Hernandez, aluno do Curso de Literatura (Strictu Senso), nível mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PosLIT) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; e-mail: claudiodebage@gmail.com; e
 Aline Jesuína do Carmo Barbosa, professora de Língua Portuguesa, graduada em letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília; DF; Brasil; CEP 70745050; email: alinejcb@gmail.com.